



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

JOSETE MARIA SILVA ELIAS

**O PROFESSOR COMO PESQUISADOR DE SUA PRÁTICA: ANÁLISE ETNOGRÁFICA COM LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DO LIVRO “ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS” NO COLÉGIO PANORAMA (CAMPINA GRANDE – PB)**

CAMPINA GRANDE-PB  
DEZEMBRO-2015

JOSETE MARIA SILVA ELIAS

**O PROFESSOR COMO PESQUISADOR DE SUA PRÁTICA: ANÁLISE ETNOGRÁFICA COM LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DO LIVRO “ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS” NO COLÉGIO PANORAMA (CAMPINA GRANDE – PB)**

Trabalho apresentado a Universidade Estadual da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Senyra Martins Cavalcanti

CAMPINA GRANDE-PB  
DEZEMBRO-2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

E42p Elias, Josete Maria Silva

O professor como pesquisador de sua prática [manuscrito] : análise etnográfica com a literatura infantil através do livro "Alice no país das maravilhas" no Colégio Panorama (Campina Grande-PB) / Josete Maria Silva Elias. - 2015.

42 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti, Departamento de Pedagogia".

1. Professor - Ensino 2. Literatura Infantil 3. Relato Etnográfico 4. Ensino Fundamental I. Título.

21. ed. CDD 371.102 4

JOSETE MARIA SILVA ELIAS

**O PROFESSOR COMO PESQUISADOR DE SUA PRÁTICA: ANÁLISE  
ETNOGRÁFICA COM LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DO LIVRO  
“ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS” NO  
COLÉGIO PANORAMA (CAMPINA GRANDE-PB)**

Trabalho apresentado a  
Universidade Estadual da Paraíba como  
requisito para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

Data: 04/12/15.

Nota: 8,5

BANCA EXAMINADORA

Senyra Martins Cavalcanti

Prof. Senyra Martins Cavalcanti  
Orientadora

Maria Lindaci Gomes de Souza

Prof. Maria Lindaci Gomes de Souza  
Examinadora 1

Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha

Prof. Vagda Gutemberg Gonçalves Rocha  
Examinadora 2

## AGRADECIMENTOS

A finalização deste trabalho é a concretização de um sonho, não sonhado apenas por mim, mas por uma pessoa que desde sempre dedicou sua vida a mim, minha mãe Olga, é a ela que agradeço, especialmente, por tudo o que fez e renunciou por mim. Obrigado mãe querida e amada, por ter acreditado em mim e sempre ter investido no nosso sonho, o de hoje ter uma filha formada, seguindo a mesma carreira que a senhora. Obrigada por tudo!

A minha família agradeço todo o apoio e paciência. Por terem entendido e me auxiliado em diversos momentos da minha graduação. A meu irmão Robson agradeço por sempre ter sido um espelho e incentivo, a vitória é nossa mano. Ao meu marido Wamberto, obrigada por ter sido um companheiro e por diversas vezes entender algumas ausências minhas, foi muito importante seu apoio para que eu conseguisse. Agradeço também a minha irmã Rossana e meu pai Adão pelo apoio sempre.

Agradeço em especial a minha orientadora Senyra Martins Cavalcanti, por não desistir de mim, e esperar com paciência os textos. Obrigada por ter me apoiado nesse trabalho e por ter me orientado tão bem. Obrigada! Por ter me auxiliado, me dando o suporte necessário para a construção de um trabalho tão importante. Muito obrigado professora, palavras não conseguirão lhe agradecer.

E o mais importante agradecimento a Deus, por ter colocado todos esses anjos auxiliares em minha vida, que sonharam junto comigo e me auxiliaram até o fim desta jornada. Obrigada meu Deus.

## RESUMO

O presente trabalho faz uso da literatura infantil “Alice no país das maravilhas” de Lewis Carrol, como forma de intervenção pedagógica em uma sala de 1º ano do ensino fundamental no Colégio Panorama na cidade de Campina Grande-PB. A literatura infantil vem se mostrando cada dia mais como um agente modificador no cotidiano das crianças, que tem oportunidade de vivenciá-la. É cada vez mais comum encontrar professores fazendo uso deste recurso no interior das salas de aulas das séries iniciais. Os professores estão fazendo uso deste recurso, cada dia mais no interior das suas salas de aula. O objetivo do corrente trabalho é mostrar como o professor transforma-se em pesquisador, a partir do momento em que demonstra interesse em analisar sua prática através da pesquisa. Para alcance dos objetivos traçados no decorrer da pesquisa, foi utilizada a metodologia do relato etnográfico, onde, o sujeito pesquisador participa ativamente da sua pesquisa. Ou seja, pesquisa e pesquisador estão ativamente juntos no decorrer de todo o processo. A partir de análises de referenciais teóricos, o professor respalda e qualifica sua prática dentro de sala de aula, continuando a desenvolver as atividades já aplicadas, mas pesquisando, analisando e concretizando seu trabalho. Para atingir as questões mencionadas anteriormente, dialogo com Zacur e Esteban(2002) sobre o professor como pesquisador de sua prática e a pesquisa etnográfica, Sarmento(2003) colaborando com o estudo de caso etnográfico e com Ghendi e Franco(2008) trazendo a etnografia como construção de um processo de conhecimento e educação. Para enriquecer o processo de análise da prática pedagógica enfatizo as considerações de Paiva(2003) abordando sobre a formação do professor reflexivo. Com a finalidade de destacar a importância do estudo com a literatura infantil, foi realizada análise da obra de Coelho(2000) A literatura infantil: abertura para a formação de uma nova mentalidade. Por fim os objetivos traçados para este trabalho foram alcançados de forma positiva, fazendo com que o conhecimento chegasse até os envolvidos de forma lúdica, trazendo à tona o professor-pesquisador, a partir de um projeto de leitura, amparado pela pesquisa etnográfica.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Relato Etnográfico. Ensino Fundamental.

## ABSTRACT

This paper makes use of children's literature "Alice in Wonderland" by Lewis Carroll, as a form of pedagogical intervention in a room of first year of elementary school in high school Panorama in the city of Campina Grande-PB. The children's literature has been showing more and more each day as a modifier in the daily lives of children, who have the opportunity to experience it. It is increasingly common to find teachers making use of this feature inside the classrooms of the initial series. Teachers are making use of this feature, each day more inside their classrooms. The objective of this work is to show how the teacher becomes a researcher, from the moment that demonstrates interest in examining their practice through research. To reach the goals outlined in the course of the research, the methodology was used without graphic account, where the fellow researcher participates actively in your research. That is, researcher and researcher are actively together throughout the entire process. From an analysis of theoretical references, the teacher supports and qualifies their practice within the classroom, continuing to develop the activities already implemented, but searching, analyzing and implementing their work. To achieve the previously mentioned issues, dialogue with Zacur and Esteban (2002) on the teacher as researcher of their practice and the ethnographic search, Sameer (2003) collaborating with the ethnographic and case study with Ghendi and Franco (2008) bringing ethnography as a process of knowledge construction and education. To enrich the analysis process of pedagogical practice emphasize considerations of P (2003) focusing on the training of reflective teacher. In order to highlight the importance of the study with children's literature, analysis was performed of Rabbit (2000) to children's literature: opening for the formation of a new mentality. The objectives for this work were achieved in a positive way, making the knowledge came to them involved so playful, bringing to the fore the teacher-researcher, from a reading project, supported by the ethnographic search.

Keywords: children's literature. Ethnographic Account. Elementary School.

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
Desenvolvimento	
1.0 Uma nova mentalidade.....	9
2.0 A literatura infantil e a formação de valores tradicionais e novos valores.....	10
3.0 O surgimento da literatura.....	12
4.0 E viveram felizes para sempre.....	13
5.0 Literatura infantil: arte literária ou pedagógica.....	16
6.0 Metodologia.....	18
6.1 O relato etnográfico.....	21
6.2 A observação.....	23
6.3 Apresentação de dados .....	24
Considerações finais.....	41
Referências bibliográficas.....	42



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de mostrar ser viável ao professor atuante em salas de aulas do ensino regular, não apenas como mediador, mas também como um pesquisador crítico, dentro da sua própria prática e inserir no interior da sala de aula, não apenas a exercício da docência, mas justapor prática e teoria, realizando um trabalho embasado em autores afins ao conteúdo usado e ministrado. Para tal pesquisa, foram usados alguns métodos que auxiliaram a propriedade e qualidade do presente trabalho.

Para a realização do trabalho, fizemos uso de alguns recursos metodológicos, a fim de auxiliar na realização da pesquisa. O estudo de caso foi usado durante todo o processo de realização da pesquisa. Ao escolhermos o estudo de caso, estávamos cientes da influência e participação de diferentes abordagens e correntes teóricas que envolvem outras práticas, no entanto, o estudo de caso apresenta flexibilidade suficiente para contribuir com estudos realizados em escolas e organizações sociais.

O trabalho etnográfico também forneceu base fundamental e decisiva para realização da pesquisa, pois o método constitui uma forma sistemática de registro. Não se espera através do trabalho etnográfico interpretar fatos ou acontecimentos, pelo contrário, deseja-se realizar a descrição dos dados e uma análise significativa das informações catalogadas e observadas. Com o intuito de perceber o mundo do outro ou de “treinar” o olhar para aprender como o outro vê a si mesmo como alguém que se percebe diferente, com uma identidade que é sua e dos outros ao mesmo tempo (GHEDIN, 2008).

WOLCOTT (1992, p.19) afirma que a pesquisa no terreno em etnografia confronta-se desde o seu início com duas constatações primordiais: a primeira, de que o que há a fazer consiste essencialmente em “experenciar, inquirir e examinar”, a outra, a de que para fazer isso o principal instrumento de investigação é o próprio investigador, na sua disponibilidade para, precisamente, observar, escutar e sentir o que o rodeia, interrogar e recolher opiniões dos que agem no terreno e examinar os documentos e os artefatos produzidos pela e na ação.

O andamento e comunicação visual do trabalho dependerão dessa dupla constatação, portanto, dificilmente o investigador etnográfico foge da condição de monopólio, ainda que adote uma orientação estratégica colaborativa da sua investigação. Miles e Huberman (1994, p. 262) frisam que, é ele, o pesquisador, quem define o problema, seleciona o caso, define o *design*, colige a informação, analisa-a e sintetiza-a, interpreta a informação recolhida e redige o relatório final.

A pesquisa foi realizada a partir do trabalho com a literatura infantil “Alice no país das maravilhas”, de Lewis Carrol, dentro de um projeto de leitura, no ambiente escolar. Para isso, foram coletados documentos para registrar o andamento da pesquisa. Atividades de registro escrito, fotografias, aulas extraclasse, trabalhos envolvendo artes plásticas e eventos definidos pela unidade educacional, foram coletados para o levantamento de dados e plena realização do trabalho em questão. No decorrer do trabalho é possível visualizar estes documentos e constatar todo o andamento da pesquisa.

Esta pesquisa se justifica pelo fato da necessidade de considerarmos o professor atuante como um sujeito pesquisador. Oportunizando ao agente educacional assumir uma postura investigativa, ampla e profunda, trazendo para a escola o fazer pensado, não apenas o fazer mecânico, da repetição automática de atividades. Percebendo que é necessário o professor rever sua prática, coletando dados, questionando respostas obtidas, se submetendo ao olhar avaliador, discutindo o processo de ensino-aprendizagem e afastando-se cada vez mais do processo de mecanização do ensino. Portanto ao surgir o professor-pesquisador, acredito que é neste momento que surge o pensar que orienta a prática, orientando automaticamente o próprio fazer e o fazer dos outros.

A prática sinaliza questões e a teoria ajuda a apreender estas sinalizações, a interpretá-las e a propor alternativas, que se transformem em novas práticas (ZACCUR e ESTEBAN, 2002, p. 32).

Do ponto de vista teórico, foram elaborados cinco capítulos. O primeiro capítulo aborda a situação atual do trabalho com a literatura infantil dentro das instituições escolares; em seguida, um capítulo sobre o paralelo entre os valores novos e os valores antigos, e ainda como a literatura atua na aquisição desses valores para vida; depois temos um capítulo abordando como se deu o surgimento da literatura infantil e alguns dos seus principais objetivos; depois, um outro trata sobre o fascínio que a literatura infantil desperta nas crianças. No último capítulo, é discuti-se sobre que função a literatura infantil deve desempenhar mediante o seguinte questionamento: Ela deve ser meramente prazerosa ou conter em seus ensinamentos alguma base pedagógica?

Para dar subsídios ao desenvolvimento da pesquisa, foi elaborado o capítulo intitulado metodologia no qual, discorreremos sobre os fundamentos da pesquisa, como se deu, o ambiente estudado e os recursos usados. Dentro deste capítulo foi aberto dois subitens, um abordando o relato etnográfico e o outro trazendo informações sobre o processo de observação. Por fim, no último capítulo analisamos e discutimos as atividades realizadas.

Neste capítulo final, estão contidos os registros realizados ao longo da pesquisa, o qual descreve as análises, as fotos e os documentos coletados ao longo do processo.

## **1.0 Uma nova mentalidade**

O mundo vem passando por inúmeras transformações e nós como seres pertencentes a este contexto, acompanhamos também todo esse processo de modificação. Como consequência direta dessas mudanças se faz necessário repensar a educação e o ensino, uma vez que ambos são elementos básicos para se estabelecer uma sociedade coesa e com atributos, no entanto, a reciclagem de pensamentos na educação vem se arrastando desde os anos 70 e 80, principalmente nos âmbitos da língua e da literatura e especialmente da literatura infantil. Em virtude deste ritmo acelerado que as tecnologias oferecem nos dias atuais é oportuno nos perguntarmos se haverá lugar para a literatura infantil nos moldes tradicionais, neste mundo tão modernizado que acaba por nos deixar bitolados a alguns modismos? Devemos acreditar que sim, não deixar esses novos paradigmas nos isolar, mas pelo contrário acompanhá-lo, pois a literatura infantil age como formador da consciência de mundo das crianças e dos jovens ao proporcionar o contato direto com os livros, com a palavra escrita, afinal foi pela literatura oral ou escrita que desenvolvemos nossas culturas e tradições e as herdamos. E é nessa perspectiva que devemos enxergar a literatura infantil, como um agente ideal na formação e transformação de novas mentalidades e construção de consciência.

Para Coelho (2000) a escola hoje, é um espaço excepcional para dar base ao sujeito, a fim de formar o indivíduo, pois é através dos estudos lá desenvolvidos que exercitamos nossas mentes, percebendo-se o mundo real e suas diversas significações, a consciência de como eu me vejo em relação ao outro e principalmente é o lugar onde se tem contato constante com a língua.

Toda essa formação só é possível quando feita de forma libertária e orientadora evitando os conformes da escola tradicional e rígida. Necessitando proporcionar atividades dirigidas, oportunizando igualmente atividades livres, ou seja, momentos onde existirá a oportunidade do indivíduo estimular e liberar suas potencialidades. Em ambos os casos busca-se o autoconhecimento e o acesso ao mundo da cultura, que neste momento determina a sociedade a que ele faz parte. Segundo Coelho os pressupostos para um projeto de ensino e estudo da literatura infantil são:

Concepção de criança como um ser educável, um aprendiz de cultura, enquanto dura o seu ciclo vital. Concepção da literatura como um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social ou cultural. Valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura. Compreensão da leitura como diálogo entre leitor e texto, atividade fundamental que estimula o ser em sua globalidade. Compreensão da escrita como ato-fruto da leitura assimilada e a criatividade estimulada pelos dados da cultura. Certeza de que os meios didáticos são neutros. Certeza de que a escola é o espaço privilegiado, em que devem ser colocados os alicerces do processo de auto realização vital e cultural, que o ser humano inicia na infância e prolonga até a velhice. (COELHO, 1968 p. 17).

Apesar das transformações ocorridas ao longo da história, a escola ainda é a instituição que a sociedade selecionou para disseminar o conhecimento ali repassado. Isso significa que a escola é o lugar onde, de início, é espalhado o conhecimento que a sociedade acredita ser necessário transmitir às novas gerações. Até o presente momento ainda não se descobriu nenhuma outra forma de equipamento que tenha sido adequada para substituí-la, mesmo existindo sérias críticas à sua estrutura.

## **2.0 A literatura infantil e a formação de valores tradicionais e novos valores**

Quando falamos de literatura infantil é inevitável traçar um paralelo entre os valores tradicionais e os novos valores que se configuram através desta literatura, uma vez que em ambos os conceitos existe a contribuição para a concepção de padrões, de pensamento ou de comportamentos dos indivíduos que estão em formação e diretamente ligados a literatura infantil.

Os valores tradicionais para Coelho (2000) partem do indivíduo, valorizando-o com características de heróis e/ou personagens românticos, dotados de uma autoridade superior e inabalável, em um sistema social que tem interesse em ter e possuir, na rigidez do certo ou errado sem meio termo, na visão do sexo como um pecado, na própria idolatria pelas tradições, que devem ser seguidas sem contestações, onde a razão pela ciência predomina sem dar brechas para a emoção, onde existe a sobreposição de uma raça pela outra, sempre existirá uma raça superior e predominante e onde a criança é vista como um adulto em miniatura que precisa ser amadurecido imediatamente.

Os valores novos se contrapõem aos valores tradicionais, pois nele, o indivíduo passa a ser parte essencial de um grupo, do todo, substituindo os heróis por grupos de crianças normais, repudia o autoritarismo, pois reconhece que vivemos em contínua transformação, ou seja, abrindo espaço para o conhecimento e interpretação de novas realidades. Reconhece que o sistema social também está em transformação e valoriza o fazer e o ser, o sexo é assumido como algo natural, faz uso dos valores tradicionais como origem para aprender e recriar outras

formas de relações e valores, encarando a vida como algo que está em constante mudança, valorizando a intuição e abrindo caminhos para novos tipos de conhecimento, se mostrando contra o racismo e outras formas de preconceito, valorizando diferentes culturas, assim a criança é vista como um ser em formação.

Ao usarmos o termo literatura infantil, não estamos dizendo que essa diverge da Literatura clássica, pois antes de ser infantil – ou seja, categorizada – ela é Literatura, representando o mundo, tudo aquilo que nos rodeia e que faz parte do nosso mundo, seja de forma real ou ficcional. Para Coelho apresenta a definição do termo, vejamos

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo (COELHO. 1968. p.27).

Muitos encaram a literatura como algo banal que deve ser usado apenas para entreter ou ocupar as crianças, contudo este paradigma vem mudando, ao passo que a literatura infantil vem se impondo e ganhando seu espaço, fazendo com que pessoas leigas reconheçam e enxerguem sua importância para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto. O livro infantil é entendido em sua totalidade como um meio de comunicação de quem lê, para quem ouve, ou seja, a aprendizagem acontece, ao existir essa comunicação de leitor para ouvinte, e quando digo que esta aprendizagem acontece quero dizer para ambos os lados, ouvinte e leitor, não é uma via de mão única.

Para que a criança goze plenamente desta aventura e experiência, que é o contato com os livros e com a leitura, é necessário estar atento a faixa etária em que a criança está inserida e a que o livro é destinado, pois se estiver muito acima de sua compreensão ou de sua idade cronológica, automaticamente, irá gerar o desinteresse daquilo que a criança não está nem próximo de entender. Esta situação é válida também para o oposto, pois se apresentado um livro que está muito abaixo da idade da criança, igualmente irá gerar o desinteresse, uma vez que aquilo já é por demais conhecido por ela, ou seja, é preciso uma análise prévia para apresentar livros de literaturas para as crianças, pois o principal objetivo é incentivar e não desinteressar, para tanto, faz-se necessário uma análise para conhecer que livros devemos ou não apresentar a cada criança. Um critério eficaz para realizar esta seleção de livros é conhecer os estágios psicológicos em que cada criança se encontra, para auxiliar na verificar o que é mais adequado para leitura de cada criança e sua faixa etária.

Na primeira infância, ou seja, até os três anos, a criança começa a apreender a realidade a qual faz parte, inicia sua fala e começa a nomear por conta própria as coisas concretas que a rodeiam; durante esta fase a intervenção do adulto é fundamental já que a

criança aprenderá a partir do que presencia, portanto bichos de pelúcia, desenhos e gravuras devem ser apresentados as crianças em situações relacionadas com o real, para que a criança inicie a relação do mundo natural com o mundo cultural (COELHO, 2000).

Na segunda infância, que se inicia a partir dos três anos, começa a fase egocêntrica, crescendo assim o seu interesse pela comunicação verbal, então os livros apresentados a crianças nessa fase, devem apresentar fatos cotidianos, com gravuras e desenhos, devem conter algum suspense ou humor, mantendo a técnica da repetição. Na fase de aprendizagem da leitura, o leitor iniciante tem entre 6 e 7 anos, e já reconhece com facilidade o sistema de escrita alfabético, nesta fase a presença do adulto ainda é muito importante, não mais como leitor, mais como estimulador (COELHO, 2000).

O leitor em processo é quando a criança já domina com facilidade a leitura, geralmente entre 8 e 9 anos, tende a ter atração pelos desafios e pelos questionamentos de toda a natureza, a presença do adulto ainda é relevante para a motivação ou estímulo da leitura e para sanar quaisquer dificuldades, ou ainda, para provocar certas atividades após a leitura (COELHO, 2000).

O leitor fluente entra na fase de consolidação e domínio do mecanismo da leitura e da compreensão de mundo expresso pelo livro, essa fase abrange dos 10 aos 11 anos, a presença do adulto nesta fase é desnecessária, pois o indivíduo passa a refletir sobre o que leu, aumentando a sua capacidade de concentração e permitindo que o mesmo sinta a narrativa. Dos 12 aos 13 anos, o indivíduo se consolida como um leitor crítico, dominando totalmente a leitura, a linguagem escrita, podendo mergulhar profundamente nos textos e atingir a visão de mundo ali presente (COELHO, 2000).

### **3.0 O surgimento da literatura**

Coelho (2000) observa que as literaturas infantis nasceram de contos populares antigos que não eram destinados a crianças, na realidade esses contos possuíam alguma mensagem de valores ou padrões a serem transmitidas a suas sociedades com alguma finalidade, geralmente moralizante e com o passar do tempo esses contos foram se modelando, e, chegaram ao que conhecemos hoje como literatura infantil ou contos infantis.

No entanto, cabe discorrer um pouco acerca das razões destes contos se moldarem e se transformarem em contos infantis, conseguindo agradar a ambos, as crianças e ao gosto popular – quando tratamos da expressão “contos populares”, estamos nos referindo ao senso comum, ou seja, ao povo que por sua vez, tem muito em comum com a criança por agir com

emoções, intuições e sensibilidade, se esquecendo do lado racional ou da inteligência, vivendo em um mundo de magia, ao passo que é esperado outra atitude, daqueles que excluímos desse grupo. São os indivíduos que agem com a mente madura e com o pensamento crítico, por isso o popular e o infantil sentem-se atraídos pelas mesmas realidades.

O homem primitivo (povo) - tal como imaginamos sua consciência, e a criança- tal como recordamos nossa infância, não possuem ainda a possibilidade de estruturar seus conhecimentos de forma histórica e racional, a condição para esta superior consciência de mundo é, em primeiro lugar, a linguagem- não uma linguagem humana qualquer, mas um idioma culto que para o homem primitivo (rudimentar) não existe ainda, e para criança embora exista não está ao seu alcance. Dito de outro modo: nenhum dos dois possui um pensamento claro e distinto; vislumbram algo, mas não tem um conhecimento real das histórias em suas relações com a natureza em cujo nexos sua própria existência está incluída (SPENGLER, 1952 apud COELHO, 1968, p. 42).

Algumas histórias de literatura continuam encantando e despertando o interesse das crianças até os dias atuais, sabemos que umas muito mais, do que outras, no entanto, ficamos nos perguntando, se essas histórias vieram de tanto tempo atrás, quando a sociedade não estava nem perto de ser o que é hoje, como explicar o fato de histórias tão arcaicas, encantarem o público moderno da sociedade atual? A resposta está no caráter fundamental dessas histórias, que tem por principal objetivo traduzir verdades individuais, integradas a verdade geral e abrangente, podendo muitas vezes no percurso perder o motivo que originou aquela história, mas encontra uma forma de gerar outros motivos que sejam de igual interesse aos indivíduos. Toda grande obra literária que venceu o tempo atende aos motivos particulares de cada sociedade decorrentes de uma verdade humana geral.

#### **4.0 E viveram felizes para sempre...**

Nos dias atuais fica cada vez mais complexo educar e criar os filhos; na medida em que os anos vão passando e a cultura vai se modificando, os pais encontram-se cada vez mais perdidos no auxílio a construção de valores e tradições de cada um, pois, assim como se passam os anos, estes também passam e se transformam. O que não impede os pais se adequem a essas mudanças e auxiliem suas crianças a encontrarem o caminho do autoconhecimento. Bettelheim(2007) afirma que:

Hoje, assim como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajuda-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências de crescimento são necessárias para se chegar a isso. A criança a medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isso, torna-se mais capaz de entender os outros e, eventualmente, pode se relacionar

com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa (BETTELHEIN, 2011, p. 10).

Diante deste dilema tão profundo que é encontrar o significado da vida, elencaremos algumas das experiências mais significativas destinadas a este fim. O impacto dos pais e das pessoas que rodeiam e cuidam dessas crianças, surge como um dos principais agentes mediadores para este fim e, nossa herança cultural, também carrega responsabilidades neste âmbito, que no caso da criança é melhor transmitida através da literatura. Bettelhein (2011 apud SCHILLER, *The Piccolomini*, III, 4) afirma que “ há um significado mais profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina”.

Surge então a pergunta, porque esses contos são tão atrativos para as crianças? Na linguagem das crianças os contos falam de pressões graves vividas pelas crianças, que ela de forma inconsciente compreende e dá valor as lutas íntimas travadas por elas, muitas vezes ignoradas pelos adultos que a rodeiam, assim como oferecem soluções, ainda que temporárias para esses problemas. A literatura infantil direciona e estrutura a direção que devem dar a suas vidas.

Os adultos em sua angustia e ânsia de pouparem as crianças de todo e qualquer sofrimento que a vida possa lhe oferecer, acabam por privar a criança de inúmeras experiências enriquecedoras, afastando-a daquilo que porventura venha perturbá-la, suas raivas, suas fantasias caóticas e até mesmo sua violência, tratando de expor a criança apenas a um lado da vida, o agradável e feliz. Mas a vida não se trata apenas de felicidade, as próprias crianças não são apenas bondade, elas possuem o seu lado mau, o seu lado cruel, ou seja, a criança sabe que algo lhe está sendo escondido, pois o que é passado pelos seus pais não é o que ela realmente sente.

Segundo FREUD (2011 apud Bettelhein) “só lutando corajosamente contra o que aparenta ser desvantagem o homem consegue extrair um sentido de sua existência.” Chegamos exatamente ao clímax da questão, pois é exatamente o que a literatura infantil faz, uma vez que nela sempre existem problemas e conflitos, mas aqueles que lutam até o fim, saem vitoriosos e felizes. Ao contrário do que lhe é passado pelos seus pais, essas histórias lhe mostram que existem dificuldades, tristezas, mentiras e enganações, mas aqueles que persistem irão triunfar e conseguir se sobressair em detrimento daqueles que baixarem a cabeça.

Bettelhein (2007) afirma que é nas literaturas infantis que as crianças se deparam com problemas concretos da nossa existência, por exemplo, a morte, geralmente as histórias começam com a perda de algum parente próximo, um pai ou uma mãe, ou qualquer outro



personagem que desencadeie a história, simplificando o dilema para a criança, colocando-o como ele realmente é. Nas histórias infantis os personagens são sempre extremos, ou você é bom ou é mau, não existe meio termo; essa característica é proposital, pois como falamos anteriormente a criança não é somente um ou outro, mais é mesclada. Todavia, nas histórias infantis essas características precisam estar bem separadas para que as crianças possam compreender o que querem ser, e como agir, ou seja, essa polarização é proposital para que a criança busque identificação com um dos lados, preferencialmente o lado bom. A criança perguntará: “Com quem quero me parecer?” Fazendo com que essa identificação o faça querer ser tão bom quanto aquele personagem, tão corajoso ou tão sonhador, e assim sucessivamente.

Devemos nos conscientizar de que as crianças não se iludem com finais como: E viveram felizes para sempre, os pequenos não se deslumbram com esta esperança de vida eterna, mas proporciona a ênfase na construção dos laços afetivos entre as pessoas, da construção de vínculos afetivos. Outra vertente que este final ajuda a criança é que, no momento que ela precisa se vincular a esta outra pessoa e seguir em frente para conseguir esse “felizes para sempre”, a criança já liga ao desprendimento familiar, ou seja, para que eu conquiste essa felicidade preciso deixar minha mãe, ou mais especificamente, minha base familiar. Esse final só será possível se existir esse desmame. Só partindo para o mundo é que o herói se encontra, assim também compreende a criança.

As literaturas infantis são apontadas para o futuro e conduz a criança para ele também, fazendo com que ela abandone seus desejos infantis e construa sua personalidade paulatinamente, alcançando uma existência independente e satisfatória. Por mais que os mocinhos e heróis das histórias comecem suas jornadas sozinhos e solitários, de um jeito ou de outro, no decorrer do caminho encontrarão pessoas que começam a fazer parte de sua história e o ajudarão de várias formas.

Lanzuolo (1998) ressalta que as histórias de ficção podem ajudar as crianças a encararem melhor a realidade existente em casa. Isso porque, devido ao contato com essas narrativas, é que as crianças acabam estabelecendo elos entre fantasia e realidade, uma vez que

Em todas as histórias já existe um paralelo entre o mundo de ficção e o real. Todos os contos, por exemplo, possuem temas familiares, que ajudam as crianças a lidarem com a separação da família, ingresso no mundo adulto, entre outras situações.

Sendo assim a literatura infantil facilita a assimilação da criança a temas e acontecimentos da vida cotidiana, auxiliando na solução das situações que por ventura possam surgir.

### **5.0. Literatura infantil: arte literária ou pedagógica?**

Coelho (2000) destaca que desde o século XVII as literaturas para adultos foram se modificando e assumindo forma de literatura infantil, e desde então, vem se discutindo sobre a sua natureza e o seu objetivo. Estaria a literatura infantil divertindo ou ensinando? A literatura teria como principal função o lúdico ou o pedagógico?

Diante de várias discussões e pensamentos chega-se a conclusão de que ambos os conceitos estão interligados dentro da literatura infantil, sendo tarefa impossível separá-los. Sabemos que a literatura infantil tem como um de seus benefícios o de passar mensagens para as crianças, com teor educativo, de valores, de convivência e cognitivos. Enfim existe incontestavelmente a área pedagógica dentro das literaturas infantis, só que além de sua ação educativa, a literatura traz consigo a ludicidade, o divertimento e o entretenimento, com poderes de prender a atenção do seu leitor, fazendo com que se envolva naquele mundo literário, tal qual os personagens das histórias.

Então se torna indissociável uma vertente da outra; Coelho ressalta abaixo esta afirmação:

Compreende-se, pois, que essas duas atitudes polares (literária e pedagógica) não são gratuitas. Resultam da indissolubilidade que existe entre a intenção artística e a intenção educativa incorporada nas próprias raízes da literatura infantil. (COELHO, 1968 p.48).

O literário e o pedagógico estão ligados na literatura infantil desde seus primórdios. A escola, ao enfatizar o didático em vez do lúdico, em textos para crianças, transforma a leitura em função pedagógica. Entretanto, arte e educação podem ser companheiras no trabalho com literatura, se a escola fornecer às crianças os estímulos adequados à leitura.

No sistema escolar existente no Brasil atualmente, a leitura literária é vista como algo que deve ser ensinado e apreendido pelas crianças, no entanto, a leitura literária se lê e se vive e, portanto não é algo que possa ser ensinado a alguém ela deve ser vivenciada e experimentada. No que diz respeito ao ensino nesta área faz-se necessário indicar formas para que exista esta experiência ou vivência de leitura, bem como a construção de sujeitos leitores, como fundamentais ao ensino de literatura.

O trabalho com literatura dentro do âmbito escolar inicia na educação infantil, através da oralidade e de suas formas populares, através de cantigas, poemas infantis e trovas,

fazendo com que as crianças percebam a questão da sonoridade nestes textos. Todavia, a literatura continua com seu teor imprescindível quando ela ajuda diretamente a criança a pensar e resolver seus dilemas e problemas seja ele de identidade, psíquicos ou sociais.

O trabalho com leitura literária na educação infantil produzirá bases para que essa criança inicie seu processo de aquisição da escrita convencional ou não, e formas de diversas de oralidade, pois no momento em que damos esses recursos a essas crianças, muitas dessas palavras passam a fazer parte de seu vocabulário. No ensino fundamental, os estímulos que foram oferecidos na educação infantil começam a aparecer, a criança que antes estava atenta ao que o professor escolhia, passa a acessar outras formas e gêneros textuais, pois agora ela não depende apenas da escolha do professor, sendo capaz de escolher e de demandar uma leitura sozinha, já não depende de outros leitores.

O uso da biblioteca escolar tem fundamental importância neste novo estágio da criança, pois é ali que ele conhecerá a variedade de livros, os diversos gêneros ao escolher o que deseja ler. No final do ensino fundamental o indivíduo é capaz de ler literaturas muito mais elaboradas como, contos, novelas e romances; mas o espaço da escola privilegia outros gêneros textuais mais conservadores como consequência de um trabalho que vem desde a educação infantil até o presente momento. A escola por filtrar demais os tipos de literatura que devem ser lidos ou oferecidos as crianças, acaba por castrar a independência do aluno em escolher, condicionando-o a ler sempre o mesmo tipo de texto e com mesmo grau de dificuldade. Todavia,

Os alunos devem identificar-se passivamente com os personagens, ficar emocionados com os textos poéticos, tornando-se indivíduos mais sensíveis e, talvez, mais controláveis pela escola e pela sociedade; observou também que o objetivo estético mistura-se, com frequência, a um objetivo instrucional, sendo a literatura reduzida a um dispositivo que tem como objetivo orientar os indivíduos a se comportarem de uma única maneira. As leituras realizadas pelos alunos fora da sala de aula, de acordo com a investigação etnográfica empreendida pela pesquisadora, apresentam um alto grau de dependência em relação as práticas de leitura escolares (PINHEIRO, 2006 apud DALVI, 2013, p. 71).

Os estudantes devem ser incentivados pelos seus professores a ter contato, com formas de literatura cada vez mais elaboradas, que irão exigir deles um esforço mental maior, fazendo com que compreendam e se situem cada vez mais dentro das literaturas.

Para Dalvi (2013) algumas atitudes devem ser tomadas para tornar viável o trabalho com a literatura dentro do ambiente escolar; para que o texto literário seja trabalhado de forma qualitativa dentro da escola, é necessário que as literaturas sejam compreensíveis, discutíveis e próximas da realidade, que a escola promova o maior número de eventos que envolvam a literatura, proporcionando o contato com todos os gêneros textuais possíveis; reconhecer as

mudanças de suporte e não se deter apenas ao livro, valorizar o contexto de escrita e leitura, permitir que os alunos produzam e escrevam suas respectivas literaturas em resposta àquelas que leram. Evitar trabalhar com textos cortados, sempre que possível trabalhá-lo por inteiro e, uma vez que estamos falando de ambiente escolar, avaliar sem punir, avaliar para promover a aprendizagem com respeito, valorizando aquilo que foi criado pelo aluno, inserindo os estudantes em circuitos ou sistemas cada vez mais amplos, e por fim, fazer da leitura literária uma sedução, um desafio e, sobretudo, um prazer.

São várias as literaturas existentes em nosso meio e cabe aos adultos e profissionais fazerem uso das mesmas para auxiliar as crianças nesse processo tão complexo que é a infância e a adolescência. Não vamos nos iludir que esses textos serão a salvação por uma sociedade melhor e mais equilibrada, mas com certeza irão auxiliar de forma benéfica para o futuro com jovens mais ajustados e centrados, mais maduros e seguros de si mesmos. Trazer para nossa realidade mocinhos e mocinhas que lutam por justiça e pela busca da felicidade só trará benefícios para a construção de um futuro melhor e quem sabe, feliz para sempre.

## **6.0 Metodologia**

O aumento dos estudos sistemáticos dentro das escolas vem se acentuando cada dia mais, e estes estudos estão diretamente ligados ao estudo de caso, que vem oferecendo suporte metodológico para aqueles que optam por adotá-lo, ainda que haja influência de diversas correntes teóricas e variadas abordagens.

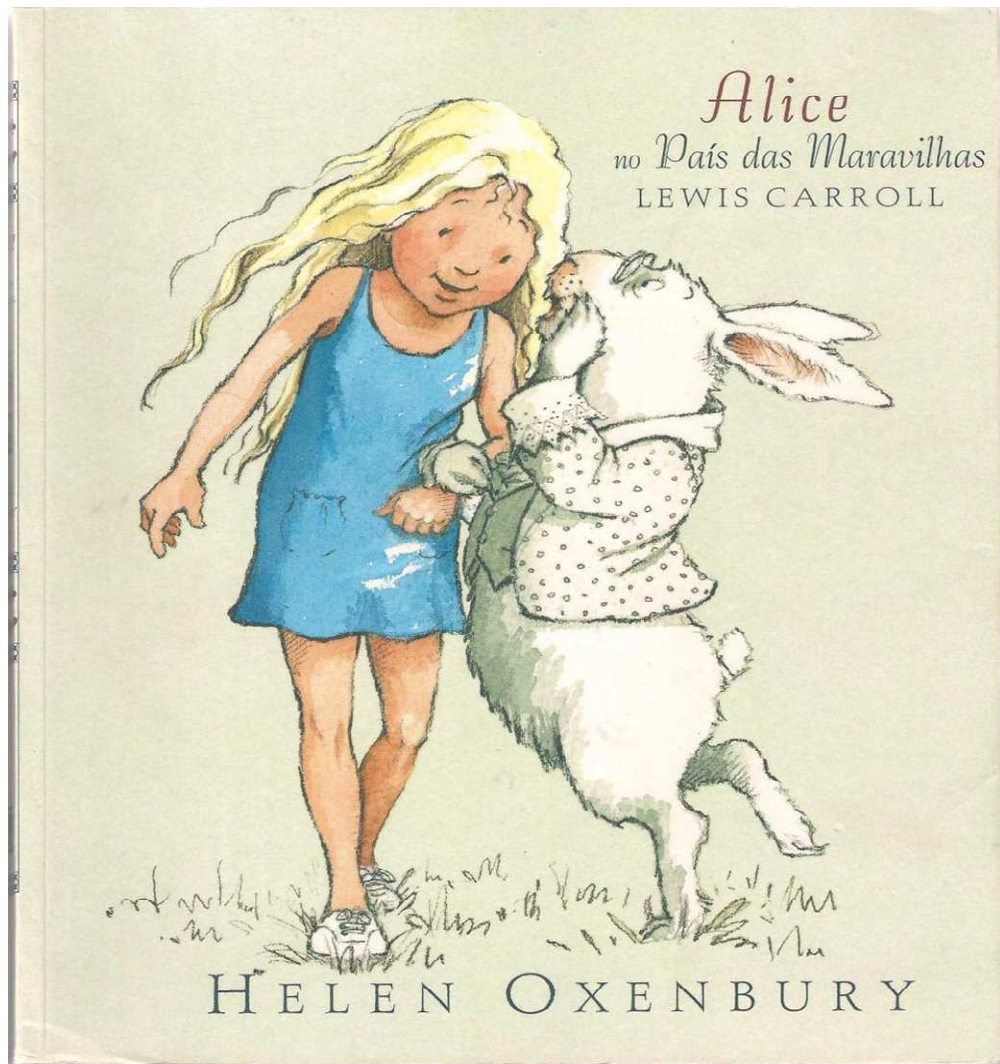
Os “estudos de caso” de escolas são, portanto, um formato metodológico que deve a sua divulgação, antes de mais, ao fato de perspectivarem holisticamente as unidades organizacionais e, no caso dos estudos de base etnográfica, de acrescentarem ao conhecimento de estruturas, regras, interações e processos de ação, as dimensões existenciais, simbólicas e culturais que se lhe associam (SARMENTO 2003, p.138).

Portanto, o estudo de caso no interior das escolas é de fundamental importância uma vez que acrescenta conhecimento indispensável ao sujeito, dando base a toda informação que será adquirida, de forma estruturada, sistemática e interligada.

O referido estudo teve início no segundo semestre letivo do ano de 2013 no Colégio Panorama, na cidade de Campina Grande, PB; mais precisamente no mês de agosto. O livro trabalhado durante este processo foi o livro de *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, com tradução de Maria Luiza Newland Silveira, ilustração de Helen Oxenbury e publicação da editora Salamandra. O livro estudado é composto por doze capítulos onde a cada mês eram lidos três capítulos coletivamente com as crianças, cada semana era lido um

capítulo, ficando uma semana do mês livre para outras atividades, também relacionadas a obra.

Figura 1 - Livro de Alice no país das maravilhas usado para o projeto.

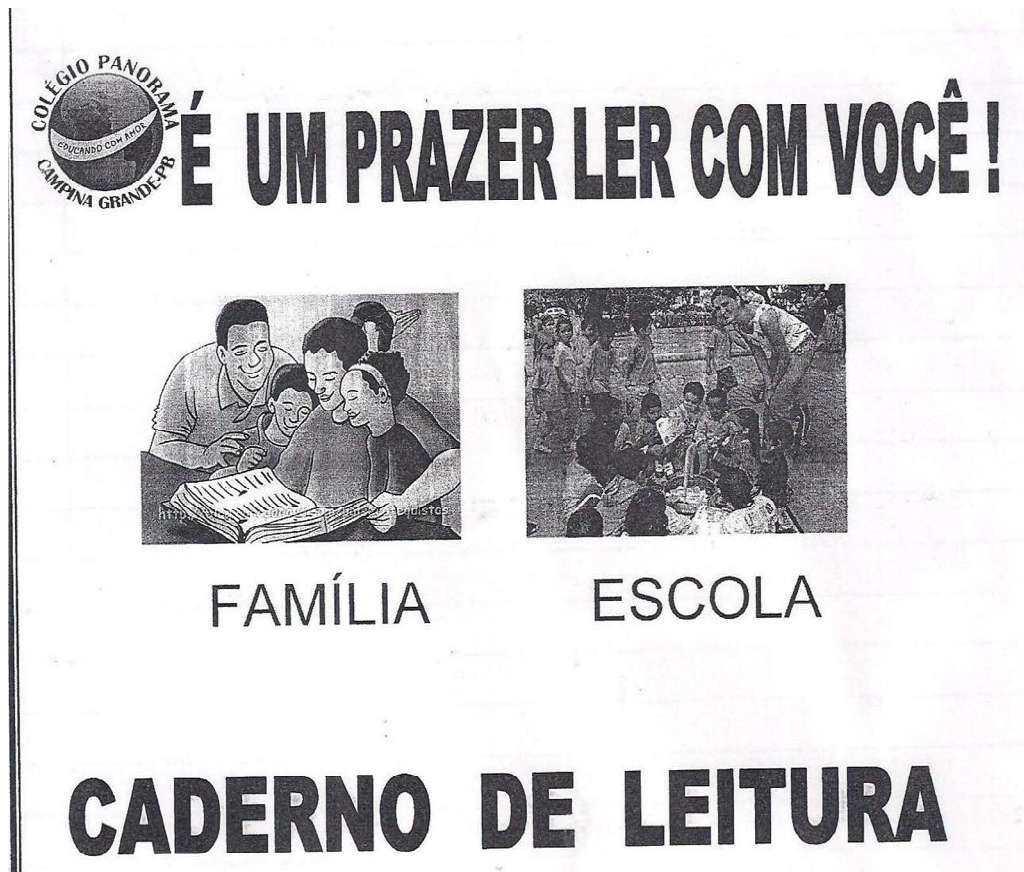


Fonte: OXENBURY. 2010. Capa

O projeto teve início a partir da seleção da literatura de *Alice no país das maravilhas*, a fim de contemplar algumas atividades do projeto de leitura “*É um prazer ler com você*”, a serem desenvolvidas no decorrer do ano com as crianças. Uma vez que compreendemos que para a criança ler e escrever ela necessita ter contato frequente com a leitura de textos variados, na escola e em casa, convivendo com leitura desde cedo, ampliando seu vocabulário e aprendendo mais sobre o mundo, surgiu o referido projeto de leitura.

Neste projeto a criança tem contato com livros de forma livre e ouvirá histórias narradas, principalmente pela professora, mas cabe também aos pais enriquecerem a experiência das crianças com a leitura em casa, uma vez que este projeto caminhava juntamente entre escola e família.

**Figura 2-** Capa do caderno do projeto de leitura.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora(2015)

O livro de *Alice no país das maravilhas*, depois de algumas análises a outros títulos, como “*O mágico de Oz*” e “*A turma da Mônica*”, foi escolhido para ser trabalhado pelo acentuado mundo lúdico e imaginativo que a história apresenta. A todo o momento no livro a realidade e a imaginação se misturam e envolvem o leitor, de tal maneira que, o expectador, durante o estudo do livro não distingue o que é sonho do que é realidade. A literatura traz também diversas questões de matemática que de forma simples, podem ser trabalhadas com as crianças. O amadurecimento de Alice, protagonista da história, durante o desenrolar da narrativa, também foi outro ponto decisivo na sua escolha e por fim, a linguagem contida na obra selecionada é simples e próxima da realidade das crianças, fator que facilitou a

realização da pesquisa e do entendimento das crianças em relação a todo o contexto do trabalho.

### **6.1 O relato etnográfico**

Para Ghedin (2008) a etnografia estuda e revela os costumes, as crenças e as tradições de uma sociedade, que são transmitidas de geração em geração e que permitem a continuidade de uma determinada cultura ou de um sistema social, é inerente a qualquer aspecto da Antropologia Cultural. Apresenta a pesquisa etnográfica com bases antropológicas ou etnográficas, baseia-se na observação e levantamento de hipóteses, onde o etnólogo (pesquisador) procura descrever o que, na sua visão, ou seja, na sua interpretação, está ocorrendo no contexto pesquisado. Uma característica marcante da etnografia é encontrar o pesquisador e o meio observado, juntos.

Neste caso, o referido estudo etnográfico acaba por assumir também, o formato do estudo de caso, onde, existe a oportunidade do pesquisador realizar interpretações a partir dos dados coletados, de forma crítica e dotado de embasamento teórico. Ghedin (2008) intitula este tipo de estudo como estudo de caso etnográfico, no qual estão presentes o estudo de caso e a pesquisa etnográfica.

Para Tura (2003), a pesquisa implica em uma fundamentação teórica consistente, a oportunidade de uma leitura crítica e especializada, ou seja, a oportunidade de construir criticamente conhecimento galgando crescimento no meio acadêmico. É muito comum no meio acadêmico encontrarmos a distinção entre professor e pesquisador, muitas vezes de forma preconceituosa, onde o pesquisador é detentor de todo o saber e o professor mero disseminador do conhecimento elaborado pelo pesquisador, o que nos cabe pergunta é, não seria possível que o professor pudesse efetivamente assumir o papel de pesquisador? Uma vez que o mesmo está em contato direto com o meio a ser estudado. Então é coerente afirmar que o professor conhece melhor a realidade escolar, do que o pesquisador.

Esteban e Zaccur (2002), destacam que esta batalha da teoria e da prática, entre professor e pesquisador é antiga e ultrapassada, onde o professor da sala de aula, ao se deparar com textos teóricos sente-se perdido e negado, pois foge completamente a realidade em que esta inserido; assim como o pesquisador se abstrai da realidade do contexto escolar, escrevendo teorias que não servem para o cotidiano escolar. Pesquisadores invadindo as escolas a fim de melhorar a produtividade do meio escolar, dando suporte aos professores “desprofissionalizados e descompromissados”. Por uma busca voraz de novos métodos a

escola acaba invadida por uma infinidade de novas ideias pedagógicas que na sua grande maioria apresentam-se como utópicas e longe da realidade.

Não desmerecendo nenhum dos dois papéis discutidos, professor ou pesquisador, cabe aqui uma junção de ambos, o *professor-pesquisador* para que não se rejeite a precisão de aprofundamento teórico, mas se busque no aprofundamento teórico a busca de respostas para a prática, haja vista que

O pesquisador acadêmico e o professor pesquisador, com significativos avanços para todos os atores envolvidos: aos professores, que se aplicam em ver mais ampla e profundamente ajudados pelos pesquisadores, se anuncia a possibilidade de recuperar o “fazer pensado” com autonomia crescente, em vez de meros executores do pensado por outrem; aos pesquisadores se abrem perspectivas de maiores e melhores aproximações do objeto investigado, desvelando ângulos novos de uma realidade multifacetada (ESTEBAN E ZACCUR, 2002 p.15).

É necessário fornecer aos professores a oportunidade de pesquisarem, uma vez que ao passarem por este processo terão a oportunidade de reler a sua prática, questionar as respostas obtidas dos alunos ao longo do caminho, fazendo com que apareça o professor-pesquisador que estava adormecido. Então recorrer a espaços onde se discute o processo de ensino-aprendizagem será algo natural, a exemplo disso é a própria universidade, em busca de pessoas que a ajudem a ver mais ampla e profundamente as suas colocações. Ghedin (2008) destaca que a pesquisa para o então agora professor-pesquisador será um momento de oportunidade para pensar, para orientar o seu fazer e o fazer de outros. A prática irá atualizar e interrogar a teoria que por sua vez fará o mesmo pela prática.

O nascimento do professor-pesquisador apresenta formas concretas de articulação, estando a prática no marco zero, ou seja, no ponto de partida e como objetivo a ser alcançado, sem que isso interfira no equilíbrio de seriedade da prática sobre a teoria. É da prática que emergem as questões e as necessidades e possibilidades, ou seja, é a prática que demarca que caminho se pretende percorrer.

É na pesquisa que surgem questões que fortalecem a necessidade de saber mais, de compreender o que esta sendo feito, observado e vivenciado, traçando formas de como enfrentar os desafios encontrados durante o caminho. A prática será o local de questionamento sempre fortalecido pela teoria. O objetivo maior é que o professor adquira competências para saber direcionar suas atividades de forma crítica e questionadora. O processo é facilitado se construído de forma coletiva, onde existe a troca de experiência e conhecimento de todos os envolvidos.



## 6.2 A observação

A observação foi o ponto de partida para a realização desta pesquisa, pois a partir dela embasou-se todo o corrente trabalho. Esta observação gerou aprendizagens fundamentais para o fortalecimento da pesquisa e do cotidiano acadêmico como um todo. Frisa-se aqui o caráter reflexivo da pesquisa, é necessário reconhecer que somos parte da pesquisa em questão, uma vez que fazemos parte do mundo que estudamos e que seria impossível fazer tal separação. Portanto, é desnecessário o pesquisador tentar camuflar sua presença dentro de todo o processo, uma vez que este é sujeito participativo da pesquisa, todavia este pesquisador deve tentar entendê-la da melhor forma possível, buscando explicações e estratégias.

Para Carvalho e Vilela (2003) é notável as diferenças existentes com relação a observação como técnica de investigação científica, pois fala-se em observação metódica, sistemática, direta, flutuante, *in situ*, naturalística, participante, não participante etc. A observação participante se tornou símbolo de destaque dentre as diferentes abordagens, no sentido geral, por existir a presença constante do pesquisador no campo e a observação direta das atividades.

Haguette distinguiu basicamente duas concepções com relação a esta metodologia. Uma que define como uma forma específica de coleta de dados que se sobrepõe a entrevista e ao questionário e outra que a entende mais especificamente como instrumento de mudança social e, em decorrência disso, considera o observador mais ativo e capaz de planejar com o grupo intervenções no contexto social (ZAGO, CARVALHO E VILELA, 2003, p.187)

A observação participante está presente nesta pesquisa, uma vez que em suas múltiplas ações, o pesquisador teria que registrar, narrar e situar acontecimentos ocorridos no cotidiano, em que a pesquisa está inserida, formulando algumas hipóteses ou questões. É imprescindível que o pesquisador elabore um planejamento prévio, contendo análises e descoberta de diferentes formas de interlocução, com os sujeitos participantes da pesquisa e a análise do próprio modo como o pesquisador enxerga o seu objeto de estudo.

Um dos primeiros passos para iniciar a pesquisa foi adentrar e conhecer o campo a ser pesquisado, explicando os motivos de tal pesquisa e o que se pretende realizar com a mesma naquele período de observação daquele espaço educativo.

É necessária a permanência na instituição por um período longo, para que o campo a ser investigado seja estudado em sua maioria, devem-se observar as posturas adotadas e a linguagem utilizada dentro do campo de pesquisa, uma vez que o pesquisador está em situação de evidência e assume o papel de validação da pesquisa.

No caso da investigação no ambiente escolar, a ida ao campo e a volta para casa, que coincide com o fim do horário escolar, o recesso das férias, os dias feriados, os finais de semana, facilitam essa dinâmica de aproximação e distanciamento. Além disso, é comum se estar vivendo em vários ambientes culturais ao mesmo tempo- a escola, a casa, a universidade, os ambientes de lazer, o convívio com os amigos etc.- o que contribui para tornar possível essa empreitada (ZAGO, CARVALHO E VILELA, 2003, p.197).

A interação do pesquisador com o campo de trabalho é fundamental, uma vez que o mesmo está sujeito a colaboração do corpo escolar. Então, quanto mais o pesquisador estiver em acordo mútuo e harmônico com a instituição, mais favorável será sua pesquisa.

#### 6.4 Apresentação de dados

Para Sarmiento (2003), a pesquisa feita dentro da escola possui um manancial de informações acessível ao professor-pesquisador, do que em qualquer outro tipo de pesquisa, uma vez que todo o material elaborado e aplicado está ao seu alcance. Esses materiais podem ser textos, planos de aula, projetos da escola, planificações, relatórios, memorandos e etc., ou seja, uma variedade enorme de documentos. Esses documentos estão selecionados e expostos abaixo no decorrer do texto, tirado do projeto de leitura desenvolvido no ambiente escolar.

Na primeira semana de agosto, teve início a leitura do livro para o grupo de crianças que formavam aquela turma. A primeira atividade desenvolvida com a turma foi assistir ao filme de *Alice no País das maravilhas* e partindo daí, começar toda uma exploração a respeito da capa do livro; foi mostrado para as crianças o livro que iriam partilhar e conhecer, as imagens nele contidas, o autor e o ilustrador. A primeira atividade escrita foi enviada para casa. Na atividade as crianças reinventariam ou criariam uma capa para o livro que iríamos nos aventurar.

A atividade 01 tinha como objetivo sondar as expectativas que as crianças apresentavam para a história ou a leitura, uma vez que já tinham tido contato com o contexto da história. Para Smith (1982) é importante o interesse tanto nos comportamentos, quanto nas atitudes dos atores envolvidos, debruçando atenção diferenciada para as interpretações que fazem das atividades. As crianças poderiam usar vários recursos para montar sua arte, recorte, colagem, pintura, fotografias e etc. As atividades reproduziam em sua maioria os personagens principais, Alice, o coelho, o chapeleiro maluco ou o gato de *Cher Shire*, rodeados de paisagens que sugerem florestas e jardins.

Figura 3- Atividade 01



## **É UM PRAZER LER COM VOCÊ !**

### **ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**

ASSISTIMOS AO FILME DA HISTÓRIA DE "ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS", TEMA DA NOSSA FESTA DE FORMATURA. HISTÓRIA DE UMA MENINA QUE NUMA VIAGEM FANTÁSTICA ENCONTRA UM CHAFELEIRO MALUCO E COM ELE VIVE MUITAS AVENTURAS.

AGORA, ESTAREMOS JUNTO COM ALIÇE E O CHAFELEIRO PARTICIPANDO DESSA AVENTURA. CONVIDE PESSOAS DA FAMÍLIA PARA PARTICIPAR COM VOCÊ. A CADA SEMANA FAREMOS UMA ATIVIDADE ESPECIAL.

### **CAPA DO LIVRO**

OBSERVE A IMAGEM, RECORDE AS CENAS DO FILME E PROPONHA UMA IMAGEM PARA A CAPA. PARA COMPOR A SUA CRIAÇÃO, USE DESENHO, RECORTE OU COLAGEM.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora(2015).

**Figura 4-** Atividade realizada por aluna, referente a atividade 01



Fonte: Caderno de leitura da aluna Bianca Macêdo de Almeida Torquato.

A atividade 02 contemplava o estudo do capítulo 1 do livro, “Dentro da toca do coelho”. O capítulo inicia toda a aventura de Alice, pois a mesma está sentada com a irmã no jardim quando vê um coelho branco de relógio correndo, decide então ir atrás dele e acaba entrando numa toca de coelho, descobrindo depois que na verdade é um buraco sem fundo. Alice começa a cair e observa objetos dos mais diversos, durante a sua queda. Chegando ao fundo do buraco a menina vê o coelho passar por uma portinha minúscula que existe no canto da parede, no entanto a personagem é bem maior que a porta, e é aí que Alice se depara com um dos seus primeiros desafios. Como resolver? Como passar por aquela portinha? No desenrolar da história Alice encontra uma garrafa, na qual está escrito “Beba-me”, quando a garota bebe, imediatamente fica pequenina, podendo assim passar pela porta, mas como fazer isso se a chave da porta ficou em cima da mesa e ela de tão pequena, não alcançava mais a chave? Depois de muito pensar, Alice avistou uma pequena caixinha embaixo da mesa que dizia “Coma-me”, a menina então comeu o biscoito e começou a crescer e crescer... O primeiro capítulo acaba neste instante em que Alice cresce desenfreadamente. A atividade escrita explorava algumas questões relacionadas a este capítulo. Nela tenta-se sondar das crianças, que sentimentos Alice estaria sentindo naquele momento da queda; Pelas feições de Alice e pelas atitudes, o que ela poderia ter sentido naquele momento.

Nessa questão as crianças terminaram por expor um pouco, o que elas, nesta situação sentiriam estando no lugar da personagem. Medo, surpresa, diversão, curiosidade, temor, entre outros, foram os sentimentos indicados. Neste ponto da história as crianças se envolvem tanto, que acabam por entrar neste mundo “imaginário” de Alice. No decorrer da atividade, a criança depois de atribuir um sentimento a Alice, iria tentar explicar porque achava que Alice sentira tal sentimento. Mais adiante retomariamos as coisas que Alice viu enquanto caía no buraco e a criança agora iria registrar o que mais achou interessante de ser encontrado lá dentro. Caso não tenha achado muita coisa interessante, o que achavam que faltava ter lá dentro do buraco, a criança deveria registrar o nome do objeto e ilustrá-lo em seguida.

**Figura 5 - Atividade 02**



## **É UM PRAZER LER COM VOCÊ !**

**ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**  
**CAPÍTULO I - DENTRO DA TOCA DO COELHO**

NESSA SEMANA LEMOS O CAPÍTULO I DA HISTÓRIA DE “ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS”. AGORA, OBSERVE AS IMAGENS E RELEIA ABAIXO OS TRECHOS DESSE CAPÍTULO PARA REALIZAR AS ATIVIDADES RELACIONADAS.




O QUE SERÁ QUE ALICE SENTIU QUANDO INESPERADAMENTE CAIU NO BURACO?! PENSE E ESCOLHA A RESPOSTA, ASSINALANDO COM UM X O QUE VOCÊ ACHA. ATENÇÃO! VOCÊ PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO.

<b>MEDO</b>	<b>CALOR</b>	<b>SURPRESA</b>	<b>FRIO</b>
	<b>DIVERSÃO</b>	<b>CURIOSIDADE</b>	<b>TREMOR</b>

Fonte: Acervo Pessoal da Autora(2015).

**Figura 6** - Continuação da atividade 02



O QUE VOCÊ ACHOU MAIS INTERESSANTE DE SER ENCONTRADO DENTRO DO BURACO? ESCREVA ABAIXO.

---

---

---

SE VOCÊ PUDESSE, O QUE COLOCARIA DENTRO DO BURACO? ESCREVA E ILUSTRE ABAIXO.

**Figura 7-** Atividade realizada por aluna, referente a atividade 02.



Fonte: Caderno de leitura da aluna Bianca Macêdo de Almeida Torquato.

Muitas coisas interessantes foram citadas para estarem ali no buraco, no entanto, a sugestão que mais gerou conversas e discussões foi uma escada. Onde alguns opinaram que se tivessem uma escada, poderiam voltar e outros que se sentiriam mais confiantes se tivessem a opção de retornar a superfície, outros ainda sugeriram que poderiam viver toda a aventura e depois voltar para casa pela escada.

O segundo capítulo “O lago de lágrimas”, as crianças fizeram a atividade 03, na qual através da pintura com tinta guache, iriam ilustrar o principal acontecimento do capítulo, que é a formação de uma grande lagoa, ocasionada pelo choro constante de Alice por ter crescido demais. Desesperada, a menina se arrepende de ter chorado tanto e em meio as suas lágrimas e ao seu desespero escuta algo se debatendo na água, Alice, o rato e vários outros animais, que também estavam presos na lagoa procuram uma margem para sair da água e ali iniciam uma longa conversa.

A atividade gerou um grande envolvimento por parte das crianças, haja visto, seu teor artístico. As crianças sentadas no chão com tintas e papéis, realizaram seu registro não-verbal, da leitura que haviam feito do capítulo.

Figura 7- Atividade 03

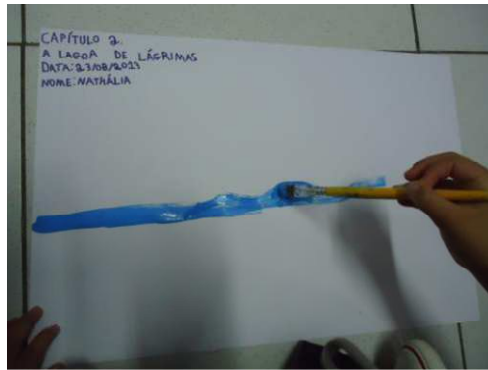


Figura 8- Atividade 03



Fonte: Acervo Pessoal da Autora(2015).

O terceiro capítulo, “Uma corrida assembleia e uma longa epopeia”, e a atividade propunha que as crianças depois de ouvirem o capítulo, iriam recontar a história em casa e depois lembrariam que animais havia na cena, e fariam uma colagem representando cada animal. Muitas coisas chamaram atenção das crianças neste capítulo, sobretudo as coisas e conceitos que eles desconheciam como: assembleia, epopeia e alguns animais que apareciam que eles nunca tinham ouvido falar, como o Dodô e a gralha. A partir deste interesse das crianças fomos juntos procurar o significado de cada coisa, eles ficaram surpresos ao descobrirem novos conceitos, como extinção. Com toda a curiosidade, esse foi com certeza o capítulo que eles mais gostaram de trabalhar, pela variedade de coisas novas e pela proximidade com os animais.

Figura 9 - Atividade 04



Fonte: Caderno de leitura da aluna Bianca Macêdo de Almeida Torquato



No quarto capítulo “Na casa do coelho”, Alice consegue rever o coelho e sai correndo atrás dele, avista-o entrando em uma casinha e percebe que ele mora ali, ela entra na casa e começa a observar tudo o que tem em volta, avista um pote de biscoitos na mesinha e come, como já se esperava ela começa a crescer. O coelho entra na casa procurando Mary Ann, provavelmente a pessoa que ajuda ele na limpeza da casa e acaba por confundir Alice com Mary Ann. Alice cresce depressa e começa a quebrar toda a casa, mãos pela janela, pés pela porta e cabeça pelo teto, o coelho desesperado, agora acredita que Alice é um monstro e pede ajuda ao lagarto Bill.

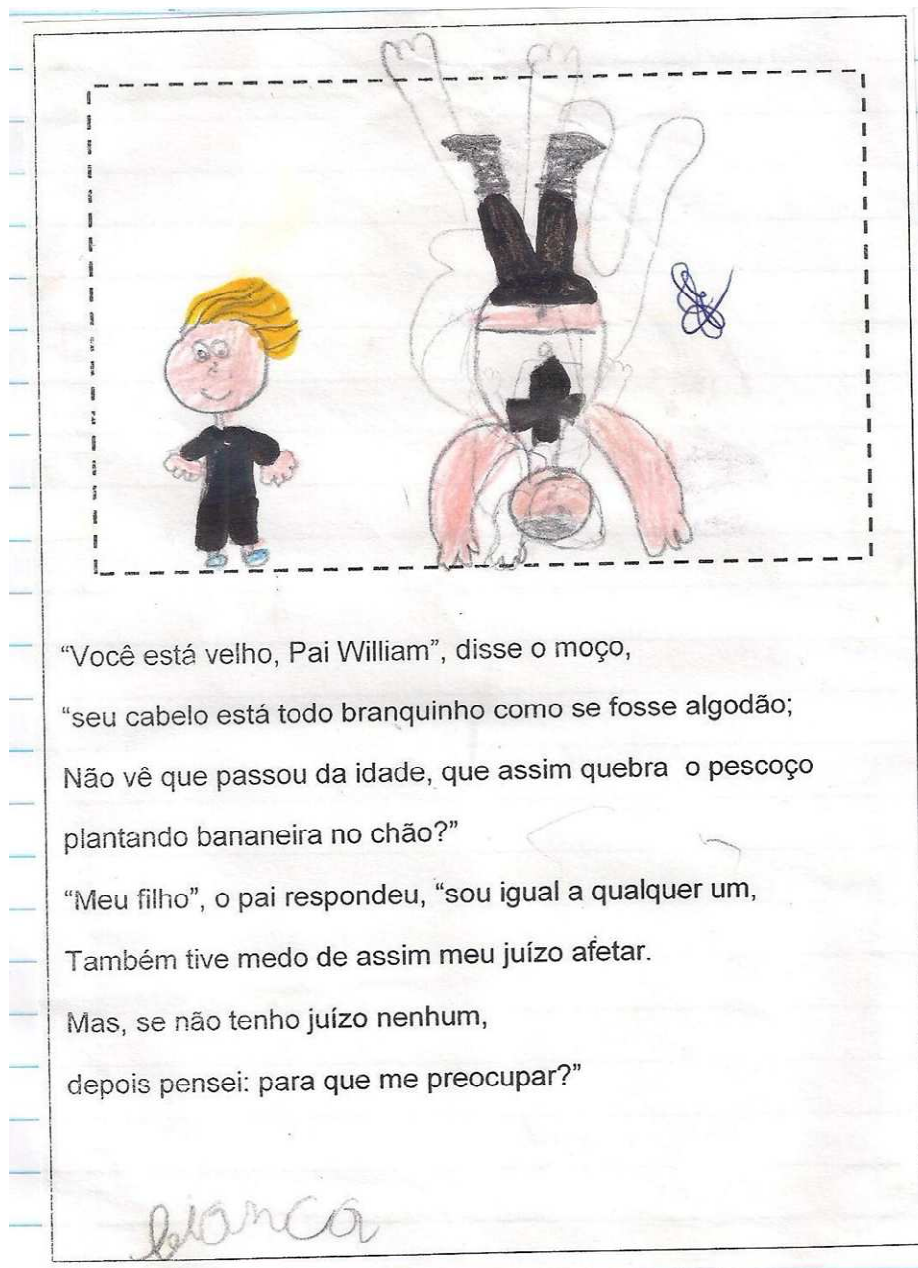
A atividade que as crianças fizeram foi relembrar os principais fatos deste capítulo e numerá-los na sequência em que aconteceram, pois na atividade estão todos embaralhados, em seguida farão uma ilustração da cena que mais gostaram no decorrer do capítulo.

**Figura 10-** Atividade 05

<b>NA CASA DO COELHO</b>	
VAMOS RELEMBRAR OS PRINCIPAIS FATOS ACONTECIDOS NO CAPITULO 4 DA HISTÓRIA DE ALICE, NUMERANDO-OS NA SEQUÊNCIA EM QUE ACONTECERAM.	
	A bebida fez com que ela crescesse rapidamente.
	Alice entrou na casa do coelho para procurar o que ele pedia. Mas encontrou uma garrafa e tomou a bebida.
	O Coelho pensou que Alice era a sua empregada e lhe deu uma ordem.
	Alice ficou a pensar: “...Eu queria saber o que pode ter acontecido comigo. Quando eu lia contos de fada, ficava imaginando que esse tipo de coisas nunca acontece e agora estou aqui no meio de um! Deveria haver um livro escrito sobre mim, deveria sim! E quando eu crescer, eu vou escrever um...”
	O Coelho Branco passa correndo e Alice adivinhou que ele estava procurando pelo leque e o par de luvas.
	E Alice ficou assustada, deixando-se ser confundida com a outra pessoa e cumprindo as ordens do coelho.

O quinto capítulo “Conselhos de uma lagarta”, foi enfatizado o poema “Você está velho pai William”, que a lagarta sugere que Alice recite, neste momento do ano, estávamos trabalhando em sala de aula, o gênero textual poema, por isso a escolha deste capítulo neste determinado momento. As crianças receberam o poema por escrito e fizeram ilustrações de cada parte do mesmo, alguns foram criativos e fizeram uma leitura totalmente diferente daquela que a narrativa trazia e outros foram bem fiéis ao livro, fazendo exatamente de acordo com o que tinham visto durante a leitura do capítulo. Contemplando a atividade 06.

**Figura 11-** Atividade 06




Fonte: Atividade elaborada pela autora e realizada pela aluna Bianca M. de Almeida Torquato

Figura 12- Atividade 06



“ Você está velho, meu pai William, vou precisar repetir,  
Velho e gordo, ainda por cima, ou acha que ninguém nota?  
Não vê que pode cair?  
Onde é que já se viu, gordo dando cambalhota?”  
“ Quando jovem”, disse o velho, “fui muito ágil, ligeiro,  
E sempre usei esse creme, essa mágica pomada,  
que recomendo a você para usar no corpo inteiro:  
vai lhe custar quase nada”.

Figura 13- Atividade 06

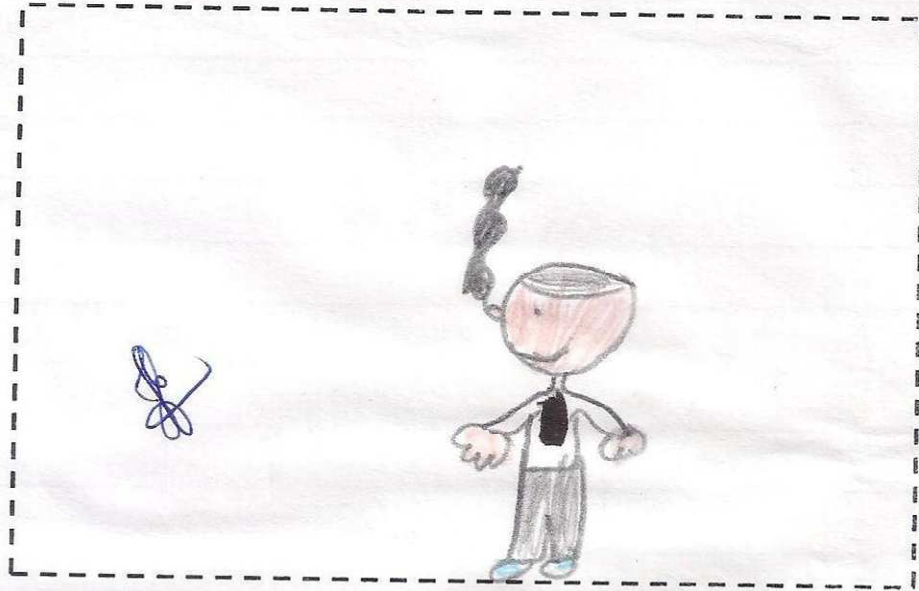


“ Você está velho e teimoso, come tudo o que não deve,  
O que não pode e não cabe dentro de sua pança!  
Diga, então, como dá conta, mas por favor seja breve,  
De toda essa comilança?”

“Quando casei”, disse o velho, “precisava argumentar  
E defender, e explicar para ela não brigar comigo.  
Foi assim que o meu queixo ganhou força muscular,  
Acredite no que eu digo”.

Fonte: Atividade elaborada pela autora e realizada pela aluna Bianca M. de Almeida Torquato

Figura 14 - Atividade 06



“Você é velho e, admita, dessa vez foi por um triz,,  
Que ideia mais maluca, como foi que isso deu certo?  
Só você pra equilibrar uma enguia no nariz!

Como pode ser tão esperto?”

“Respondi a três perguntas e por hoje chega, eu acho.

Suma daqui, vá embora, tenho mais oque fazer.

Não amole, não insista, vá ver se estou lá embaixo,

E feche a porta sem bater!”

Fonte: Atividade elaborada pela autora e realizada pela aluna Bianca M. de Almeida Torquato

No sexto capítulo “Porco e pimenta”, as crianças conheceram um dos personagens marcantes nas aventuras de Alice, o gato de Cher Shire com seu sorriso inconfundível e enigmático. Esta atividade foi realizada fora do caderno de leitura, as crianças fizeram uma arte representando o gato e o seu sorriso.

O sétimo capítulo “Um chá maluco”, já era bem conhecido pelas crianças, por ser uma cena marcante do filme do Walt Disney, as crianças estavam bem envolvidas neste capítulo, tanto que durante as discussões, surgiu a ideia de fazermos um chá em sala de aula, diante desta sugestão começamos a trabalhar a proposta; fizemos uma lista em sala de aula do que iríamos precisar, o que tinha no chá maluco e o que compraríamos para o nosso chá, depois fomos para o supermercado *Extra* e compramos vários ingredientes para compor a mesa do nosso chá, como: pães, geleias, roscas, queijos, guloseimas, bolos e claro, diversos tipos de chá (morango, cereja, carqueja, camomila, erva-doce, preto, mate e hortelã). Pagamos no caixa e voltamos para a escola. Na semana seguinte seria realizado o nosso chá, fizemos uma grande mesa, com lugar para todos os alunos e nos reunimos lá para provar do chá que tínhamos preparado. A experiência foi envolvente, todos prestaram atenção e durante a realização do chá, algumas crianças encenaram a cena do chá, descrita no filme, o chá de aniversário.

**Figuras 15 e 16** - Passeio ao supermercado para compras do chá.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora(2015).

**Figuras -17 e 18- Realização do chá maluco.**



Fonte: Acervo Pessoal da Autora(2015).

**Figura 19- Atividade 07**



Fonte: Atividade elaborada pela autora.

Após a atividade do chá maluco foram desenvolvidas atividades artísticas com objetivo de trabalhar os personagens principais da história, na qual as crianças deveriam desenhar o personagem que havia lhes chamado mais atenção. As crianças destacaram os seguintes personagens: Alice, o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março, o Coelho Branco, o Gato e a Rainha de Copas. A partir daí, cada um desenharia o seu personagem principal, para futura exposição, o que desencadearia outra atividade, pois as crianças deveriam reproduzir em uma tela de pintura seu personagem favorito, este trabalho de pintura nas telas foi desenvolvido durante todo o mês de novembro.

Deste dia em diante passamos a trabalhar dois capítulos por vez, discutimos os capítulos oito e nove, “O campo de croque da rainha” e “A história da tartaruga falsa”. Quando falo em discutir, é porque os dois capítulos não foram lidos por inteiro para as crianças, uma vez que seria muita leitura em apenas poucas horas, então foi passado a essência dos capítulos para as crianças, e as atividades já não estavam sendo desenvolvidas no caderno, e sim de forma oral ou artisticamente na sala de aula. Neste mesmo dia tinha sido solicitado a um aluno que tinha uma tartaruga em casa que trouxesse para a aula, para que todos pudessem ter contato com o animal.

Em seguida foi lido para as crianças os capítulos dez e onze, “A quadrilha das lagostas” e “Quem roubou as tortas?”, a partir daí a história caminha para o fim e as crianças começam a perceber que o livro, é um pouco diferente do filme que eles conhecem.

O último capítulo, “O depoimento de Alice” depois de lido algumas crianças concordam com o final de ter sido tudo um sonho de Alice, no entanto outras acham que ela realmente possa ter vivido toda esta aventura. As crianças realmente embarcam nas aventuras de Alice, questionando e envolvendo-se em situações tratadas no livro. Foi gratificante vivenciar o interesse das crianças dentro destas aventuras e poder fazer parte deste mundo mágico de Alice e de todas as crianças que entram no mundo da leitura. Para culminar o término do trabalho, realizamos a formatura das crianças como o mesmo tema trabalhado durante o decorrer do ano, visto que este tema “Alice no país das maravilhas” teria significado maior para as crianças. Para Sarmiento (2003) para concretizar o trabalho com orientação etnográfica é necessário uma apresentação final que seja capaz de casar criativamente a narração/descrição dos contextos com a conceituação teórica.

Ao término do trabalho em sala de aula, percebo como foi relevante trabalhar com a literatura infantil, por um período de tempo mais prolongado. Vê a propriedade com que as crianças assimilaram a história e seus conteúdos paralelos, muitas vezes fazendo pontes com outras literaturas. E que, de fato, a literatura infantil estudada nesta pesquisa, causou a



diferença no crescimento social, psicológico e cognitivo de cada criança, alcançando cada uma em diferentes níveis, mas atingindo de alguma forma.

**Figura 20** - Culminância do projeto, com realização de peça sobre o livro “Alice no país das maravilhas” durante a formatura das crianças.



Fonte: Acervo Pessoal da Autora(2015).

Para Ghedin (2008), o trabalho de campo sistemático e prolongado, inerentes a abordagem etnográfica, ao serem adotados pelos professores, acaba por revelar aspectos fundamentais do dia-a-dia das escolas, da rotina de sala de aula, das relações e tensões constituintes da experiência escolar. Ou seja, trabalhos que fazem uso desta metodologia etnográfica, passam a contribuir com o enriquecimento do cotidiano escolar, pois o professor-pesquisador que está em campo necessita estar dotado de conhecimento teórico, para realizar e embasar sua pesquisa.

Vejo a contribuição mútua do estudo de caso etnográfico realizada na escola, para professor e aluno. O professor necessita obter um fundamento teórico forte para desempenhar tal procedimento, ele precisa estudar e conhecer mais para trabalhar tal metodologia. O professor ganha ao estudar e adquirir mais conhecimento, e o aluno ganha ao ser apresentado

a um trabalho bem elaborado e sistematizado. Por tais motivos vejo relevância singular nesta pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi extremamente relevante para a formação profissional dos que participaram da sua elaboração. Ao final de todo o processo percebe-se como foi importante trabalhar com a pesquisa dentro do ambiente escolar, compreendendo a elevação do nível do trabalho diário neste ambiente. Foi muito proveitoso realizar tal pesquisa, em campo, engrandecendo e enriquecendo meus conhecimentos teóricos de maneira a auxiliar a prática profissional.

Espera-se ter contribuído para a erradicação do preconceito do professor enquanto pesquisador uma vez que a partir dos relatos apresentados neste estudo, conclui-se a necessidade de participação mais efetiva do professor, nos caminhos da pesquisa; auxiliando no processo de ensino aprendizagem dos alunos e fortalecendo a prática docente de um modo geral.

Notou-se também como foi importante oportunizar ao professor a possibilidade de estar em contato simultâneo com as teorias pesquisadas, ajudando-o a adquirir ou fortalecer conhecimentos técnicos e teóricos. Fazendo com que este, o professor, esteja sempre fazendo uso de leituras novas e científicas, bem como retornando a ambientes letrados e acadêmicos para realização de tais pesquisas. De tal modo que o trabalho na rotina escolar tornou-se mais significativo para os participantes e para o professor.

Por fim, o contato direto com os alunos e a oportunidade de aplicar os novos conhecimentos, foi gratificante e compensatório. Proporcionaram um aprendizado que poderá ser aplicado e perpassado pelas salas de aula das escolas que, possam ter contato com os objetivos da referida pesquisa. Trabalhar os conteúdos, a rotina diária e as questões sociais a partir da literatura, foi sutil e natural, fazendo com que o trabalho de leitura e escrita fluísse de forma apropriada, sem pressões ou solavancos.

No entanto compreendo a importância de tais formas de pesquisas não apenas para o estudo específico com a literatura, mas com diversos conteúdos ofertados durante o ensino regular, cabendo ao professor enxergar nesses conteúdos, embasamento e propriedade para realização de uma pesquisa em sala de aula, uma vez que o ensino deve ser visto como um constante processo e nunca um todo, pronto e acabado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIN, B. A Psicanálise Dos Contos De Fadas. 21 ed. São Paulo: Paz e terra, 2011.

CARROLL, L. Alice no País das Maravilhas. Tradução de Maria Luiza Newlands Silveira. São Paulo: Salamandra, 2010.

COELHO, N. N. A Literatura Infantil E Seus Caminhos. São Paulo: Moderna, 2000.

DALVI, M. A. Literatura Na Escola: Propostas Didático-Methodológicas. São Paulo: Parábola, 2013.

ESTEBAM, M; ZACCUR. E. A Pesquisa Como Eixo De Formação Docente. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

GHENDI, E; FRANCO, M. A. A Etnografia Como Paradigma De Construção Do Processo De Conhecimento Em Educação. São Paulo: Cortez, 2008.

PAIVA, V. E. A Formação Do Professor Crítico-Reflexivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ROSA, E. G. Currículo De Formação De Professores e Prática Reflexiva: Possibilidades E Limitações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARMENTO, M. J. O Estudo de Caso Etnográfico em Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZAGO, N; CARVALHO. M; VILELA. R; Itinerários da Pesquisa: Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.